

# FUTURO

POR SILVANA ASSUMPTÃO  
FOTOS MARIO HABERFELD

## RASTRO ATRÁS

**O PANTANAL DO MATO GROSSO DO SUL ESTÁ RECEBENDO UM PROJETO, SEDIADO NO REFÚGIO ECOLÓGICO CAIMAN, DESTINADO A REVOLUCIONAR O TURISMO LOCAL COM A OBSERVAÇÃO DO MAIOR FELINO DAS AMÉRICAS – A ONÇA**

**F**oi com excitação de criança que fiz as malas para embarcar de São Paulo rumo ao Refúgio Ecológico Caiman, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, com a perspectiva de passar os primeiros dias de Discovery Channel de minha vida. Ia presenciar a captura de uma onça, se os fados ajudassem!

O objetivo era colocar no animal um colar de GPS – ou nos animais, se a sorte realmente premiasse os responsáveis pelo projeto Onçafari, que me levava até lá. Desde muito antes da partida eu já vibrava com a perspectiva de ver uma onça viva em seu *habitat*. Como pelo menos metade da população do planeta, sou uma pessoa urbana. Nasci carioca de Copacabana e morei quase toda a vida adulta em São Paulo. Mas nem por isso as onças me são estranhas à imaginação. Na infância frequentava um sítio no pé da serra de Friburgo, no complexo da serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, onde havia, juro, não só onça-pintada como saci-pererê e mula sem cabeça que soltava fogo pelas ventas...

Mais tarde, em diferentes fases, continuei circulando pela mesma serra, onde minha mãe teve sítio por anos, sempre com histórias de onça rondando. Mas nada de eu dar a sorte de ver uma... Num sítio vizinho ao dela, o dono ostentava na varanda uma enorme onça-pintada empalhada, caçada bem ali. Na única vez que a vi, nada ouvi da conversa ao redor, acompanhada da pinga e do cafezinho de lei. Hipnotizada por aquela presença extraordinária, tão perfeitamente conservada que parecia prestes a dar um passo, queria somente, com todas as minhas forças, ter o dom de fazê-la mover-se nem que fosse só um pouquinho, rompendo com um milagre a modorra da tarde.

A visão de perto de um animal selvagem é comovente. Algo que talvez, mais que a poesia, a arte ou a filosofia, desperta em nós o sentimento de nossa humanidade. Ouvi isso lá no pantanal, de um verdadeiro filósofo da vida selvagem, o sul-africano Simon Bellinghan, famoso rastreador em reservas africanas e que, com sua agência de viagens Indri Tours, leva por todo o globo pessoas interessadas em observar de perto a vida selvagem. Simon era um dos membros da equipe formada pelo criador do projeto Onçafari, Mario Haberfeld, ex-piloto de corridas que depois de abandonar as pistas da F-Indy, em 2009, passou a se dedicar a esse tipo de viagem com paixão. Ele já brindou os leitores da *The President* com um belo relato de suas aventuras com ursos e gorilas na edição de número 3 da revista. Desde então, amadureceu o projeto Onçafari, que já tinha em mente, destinado a tornar o nosso Pantanal num sítio para observação desse maravilhoso felino – o maior das américas e terceiro maior de toda a Terra, abaixo somente dos leões e tigres. Uma onça-macho pode chegar a 140 quilos e a 2,60 metros de comprimento, incluída a cauda. Você sabia?

### FANTASMA DAS MATAS

A ideia de Mario tem vasto alcance. Com sua riquíssima biodiversidade, o potencial do Pantanal para o turismo de observação de animais é indiscutível. Mario, que corre o mundo, sabe que, se à fauna já exuberante desse bioma for acrescentada a onça – ou o jaguar, a onça gringa (muda o nome, mas o animal é o mesmíssimo) –, ela se tornaria por si só um poderoso atrativo. “Se você vai à África, quer ver um leão, pode ser legal ver chipanzé, ver zebras, mas se não vir um leão você vai voltar frustrado; é a mesma coisa



com onça aqui”, diz ele. Como explica, a onça é um felino “carismático”, o menos estudado, conhecido e avistado do planeta. Puderá. No Brasil, que concentra a maior população delas no mundo, de tão caçadas se tornaram “mais difíceis de ver que fantasma”, exagera Mario. Ou nem tanto. Você conhece, leitor, o conto de Guimarães Rosa “Meu Tio o Iauaretê”? É conversa de caçador de onça: ... “Cê sabe contar? Conta quatro, dez vezes, ta í: esse monte mecê bota quatro vezes. Tanto? Cada uma que matei, ponhei uma pedrinha na cabaça. Cabaça não cabe nem outra pedrinha”...

(Pausa wikipédica: iagûara, iauaretê, jaguretê, jaguar. O nobre carro inglês carrega o nosso tupi. Já o brasileiro “onça” tem estirpe europeia: vem do grego *lygx* [lince], através do latim *luncea* e do italiano *lonza*. A onça da medida não tem nada a ver com isso: vem do latim *uncia*, significando 1/12 avos).

Nos Estados Unidos, os jaguares já se encontram extintos desde o início do século 20. O mesmo acontece em outros países das américas, por exemplo no Uruguai. E no Brasil vivem sob perma-

## MARIO QUER APROVEITAR A ABUNDÂNCIA DE ONÇA QUE AINDA EXISTE NO PANTANAL PARA MOSTRAR AOS DONOS DE TERRAS O VALOR DO TURISMO DE OBSERVAÇÃO

nente risco. De acordo com o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-Pintada, nosso *lygx* de olhos de mel se encontra “criticamente ameaçado” na mata atlântica e na caatinga, “ameaçado” no cerrado e “vulnerável” no Pantanal e na Amazônia.

Mario quer aproveitar a riqueza de onça que ainda existe no Pantanal para fomentar o turismo de observação e protegê-las. Mas, para que esse tipo de turismo se desenvolva, é preciso mudar a mentalidade. Há mais de 200 anos, como ele diz, se cria gado e se matam onças no Pantanal (embora a caça seja proibida), porque elas comem o gado. Uma pesquisa já feita ali pela ONG Instituto Onça-Pintada constatou, no entanto, que apenas 1,5% das baixas em rebanhos se devem a ataques do felino. Mario quer mostrar aos fazendeiros que eles podem ganhar muito mais mantendo as onças vivas e investindo no ecoturismo do que evitando esse prejuízo.

É este o cerne do projeto Onçafari, o único do país voltado a criar as bases para que a preservação da onça se torne uma alternativa econômica. “A ideia é agregar valor ao bicho”, diz Mario.

“Tem muito pouca gente que conserva por gostar, por amor. A maioria pensa em dinheiro, então mostrar que a onça pode dar lucro é uma forma de preservar, infelizmente o ser humano é assim.”

Apesar desse quase lamento, ele realmente acredita nos benefícios socioeconômicos da preservação. “A criação de gado é uma atividade que não gera emprego, com 30 peões você pode tomar conta de milhares de cabeças”, argumenta. “Já o ecoturismo requer muita mão de obra, e mais qualificada, tanto feminina quanto masculina.” Na África, ele prossegue, a atividade já se tornou a segunda fonte de renda em países como Uganda, por causa dos gorilas, e Botsuana, pela fauna em geral. “A gente quer fazer a mesma coisa aqui no Brasil, só que com a onça-pintada.” Para tanto, está criando um modelo para a implantação do turismo de observação do animal, que, espera, venha a ser muito replicado. “É um modelo de preservação. Quanto mais copiado for, melhor.”

### O PARAÍSO CAIMAN

A escolha do Refúgio Ecológico Caiman para sediar o projeto foi natural. O trabalho de preservação e ecoturismo realizado ali por seu proprietário, Roberto Klabin, é reconhecido e muito familiar para Mario, que a acompanha de longa data. Lá existem todas as condições ideais, inclusive instalações de alto padrão para turistas, mas isso não deve intimidar nenhum candidato a fazer algo popular no futuro. Na África, lembra Mario, tanto existem *lodges* para milionários, como acomodações econômicas para mochileiros em reservas espetaculares como o parque Kruger na África do Sul, por exemplo.

No Brasil, Caiman já pode ser considerada uma reserva. Há 25 anos, desde que Roberto consolidou essa propriedade de 53 mil hectares na região de Miranda, parte de uma quatro vezes maior de sua família no passado, ali é proibido qualquer espécie de caça – nem que seja de uma rã. Até mesmo a presença de cachorros não é aceita, porque espantam os animais silvestres. A pecuária convive em plena harmonia com a sustentabilidade ambiental e a fauna silvestre. O refúgio também abriga projetos de pesquisa e proteção, como o Arara-Azul e o Papagaio Verdadeiro, e já desenvolveu inclusive pesquisas sobre onças. A estrutura hoteleira conta com duas pousadas – a Baiazinha e a Cordilheira, distantes 22 quilômetros uma da outra, ambas pequenas, oferecendo aos hós-



**Tamanduá-bandeira com filhote no Refúgio Caiman, enorme e generoso paraíso do turismo ecológico pantaneiro**

pedes tratamento mais que personalizado. Para o safári fotográfico há caminhões de carroceria alta, que podem levar 16 pessoas, e guias bilíngues especializados. Bernardo Rebelo de Andrade, por exemplo, jovem biólogo português cuja família tem fazenda no Alentejo, já está em seu segundo estágio em Caiman: o primeiro foi como guia, e o segundo é agora no projeto Onçafari.

Para a observação de animais, o lugar é tão privilegiado que mal cruzei a entrada da fazenda já tive a primeira das muitas e vastas emoções que viriam nos cinco dias seguintes. Nas margens de um riozinho descansavam, no fim da tarde, miríades de jacarés de todos os tamanhos, entre imensos tuiuiús e cabeças secas, outro pássaro quase do mesmo tope. Numa pequena queda d'água, alguns répteis abriam a bocarra esperando os peixes caírem dentro dela. Assim pescam os espertos jacarés!

Caiman possui também uma importante RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), representando mais de 10% da área total da fazenda (5,6 mil hectares) de matas preservadas. O responsável por ela é o biólogo Hélder Brandão, formado pela Universidade de São Paulo e que vive no refúgio há seis anos. Ele é

um dos cerca de 180 moradores locais, entre pessoal da pecuária e da hotelaria, todos trabalhando com carteira assinada e contando com ótimas instalações residenciais e refeitório, dentista, assistência médica, escola para crianças até a 4ª série – enfim, Caiman é modelo em todos os quesitos imagináveis.

“O Roberto é um entusiasta, ele se envolve em todas as áreas, sabe?”, vai falando Fernanda Melo, ao volante da picape, numa tarde em que fui conhecer com ela, gerente da operação hoteleira de Caiman, as charmosas Baiazinha e a Cordilheira. Minha atenção se divide entre a conversa e o alumbramento com a linda estrada entre as pousadas. A todo instante, algo para olhar: bandos de queixadas, veadinhos-catingueiros saltitantes, um tuiuiú a levantar voo feito um Concorde, um altivo cervo pantaneiro a nos mirar de longe com ares de animal de fábula (“Esse não é fácil de se ver nesta época, você teve sorte”), montes de capivaras e capivarinhas, um enorme jabuti, uma fila de jacarezinhos a cruzar correndo a estrada (completamente elevados sobre as patinhas curtas, o rabo esticado no ar feito régua), uma turma de quatis. E pássaros, muitos pássaros, os mais deslumbrantes.

Fernanda vai desafiando seus nomes, como uma enciclopédia ambulante: curicaca pantaneiro, garça cinzenta, garça maguary, carão (come caramujo), anu, cafezinho, marreco, motum, arancuã (grita de manhã), gralha, arara-azul (anda sempre em casal), azul-marinho, colhereiro, marreca-cabocla, frango d'água (faz uma revoada linda), tucano, João-de-barro, gavião ... Mas nada de onça, e já era o terceiro dia!

## O PROJETO ONÇAFARI

Definido o sítio, o projeto concebido por Mario é complexo. Se o alvo é fomentar o turismo de observação de onça, para que isso seja possível (é o fantasma, lembra?), é preciso trazer para o Pantanal técnicas que já foram usadas na África há mais de 30 anos para permitir que os animais se deixassem ser avistados. Tudo começa com o levantamento mais preciso possível das onças existentes, indivíduo por indivíduo, de modo a conhecer seus hábitos e território. Daí a colocação de colares de GPS – a parte do pro-

## CONHECER O TERRITÓRIO DAS ONÇAS E HABITUÁ-LAS À PRESENÇA DOS VEÍCULOS DE TURISTAS É A BASE PARA QUE O AVISTAMENTO OCORRA

cesso que presenciei – e de *camera traps*, armadilhas fotográficas em locais estratégicos (em Caiman, são 60), acionadas por sensores, que fotografam ou filmam a passagem de qualquer animal. Conhecer seu território é essencial para desenvolver o turismo de observação, já que isso facilita procurar em locais mais prováveis de encontrá-las.

Mas o processo não para por aí. O principal é habituar as onças – Mario estima que em Caiman existam umas 70 – à aproximação do veículo de turistas. É a forma de fazer com que venham a se comportar como os animais das reservas africanas, que não fogem quando o veículo se aproxima, continuando a fazer o que estão fazendo. Toda a graça de avistar um animal selvagem em plena natureza, é claro, reside em surpreendê-lo em sua rotina. E, também, em fazer observação de qualidade, “ficando” com ele algum tempo, o que é bem diferente de vê-lo de relance.

É importante ainda entender que a habituação nada tem a ver com atrair, alimentar, domesticar. E impõe uma série de cuidados na escolha dos indivíduos. Por exemplo, na primeira temporada

de captura para colocação do colar, em outubro de 2011, a equipe conseguiu duas lindas onças: a fêmea batizada de Chuva, de 85 kg (e que depois de receber o colar já deu cria), e Nati, um magnífico macho de 110 quilos. Chuva segue sendo monitorada pelas *camera traps* e, por ser fêmea, é uma conquista valiosa. “A fêmea já traz como “bônus” seus filhotes, mais fáceis de serem habituados porque a mãe não foge de nossos veículos”, diz Mario.

Mas... nada é perfeito. Por falta de sorte, o colar usado nela deu defeito e caiu, assim ela receberá outro se for capturada novamente, até porque é o símbolo do projeto. Diga-se que esses colares, que em nada afetam ou incomodam o animal, custam cerca de US\$ 5 mil cada um. Dispõem também de um sistema *drop off*, ajustado para caírem depois de um ano e meio. Já Nati continua com o seu, só que, depois de todo o trabalho para capturá-lo, provou ser inadequado para o projeto porque seu território, analisados os dados, fica quase todo fora de Caiman.

“O motivo de colocarmos o colar é primeiramente a segurança das onças”, enfatiza Mario. “Apesar de fazermos um monitoramento constante com as *camera traps*, a única maneira de termos certeza absoluta de que o território das onças que queremos habituar fica dentro de Caiman,

onde estão seguras, é recebendo e analisando os pontos do GPS que o colar nos manda por satélite.” A explicação continua: “Nesse momento do projeto em que ainda não divulgamos e provamos aos outros fazendeiros que o negócio de ecoturismo baseado no avistamento de onças é muito rentável para o dono da terra, não podemos correr o risco de habituar uma onça e com isso fazer com que ela corra mais risco de ser caçada”.

Como se vê, o projeto Onçafari envolve um processo longo – mais ou menos como ir plantar o milho antes de fazer a pamonha. Mas nenhum trabalho demora mais que aquele que nunca começa, e começar é o que Mario está fazendo em Caiman. Um dia, ele espera, o modelo será copiado e em todo o Pantanal haverá oferta de reservas e pousadas para o avistamento de onças. E o viajante que chegar em Campo Grande encontrará as prateleiras da livraria do aeroporto forradas de obras dedicadas ao felino, à fauna e à flora locais. A falta de tais livros no aeroporto hoje em dia (e todo o resto, cartões, souvenirs ligados à fauna), a não ser por uns minúsculos exemplos, abisma Simon Bellingham, como um atestado



A partir do alto, à esq., em sentido horário, Joares revisa uma sutilíssima armadilha (toda vegetação ao redor e os pedaços de pau, que estão deslocados, são “paisagismo” dele para guiar os passos do bicho); uma pegada de onça bem nítida; Mario com uma camera trap; os veterinários aproveitam a sedação de Brazuca para tirar medidas e estudar o animal); Túlio em ação; o lindo Brazuca já refeito da anestesia, de colar e de partida; Mario e Ronaldo (enquanto este ajusta o colar); Simon na cadeirinha da Mitsubishi L-200 de safári – seu lugar mais habitual



da falta de atenção do brasileiro para com as riquezas turísticas do país. “Você chega na África do Sul e a livraria do aeroporto é lotada, só tem essas obras!”, diz.

## NO RASTRO DA ONÇA

Parte da equipe reunida em Caiman para a segunda temporada de captura já estava ali há 11 dias quando cheguei, no último dia de março. Além de Bernardo e Hélder, que residem lá, Mario (que mora em Miami e está sempre indo e vindo), Simon e Joares May – o veterinário responsável por armar os laços para a captura das onças, ciência refinadíssima como não tardei a perceber. E na qual esse gaúcho, professor de Veterinária e Ciências Biológicas da Unisul, em Santa Catarina, e colaborador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros – o Cenap, uma autarquia que apoia o Onçafari –, é um mestre. Nos diversos projetos em que atua, já capturou 22 onças-pintadas.

No mesmo voo que eu, desde São Paulo, tinham ido também

## PARA DAR TUDO CERTO, A ONÇA TERIA DE PISAR EM 4,5 M<sup>2</sup>, SOMA DAS ÁREAS DOS NOVE LAÇOS ARMADOS, DENTRO DOS 53 MIL HECTARES DE CAIMAN

Ronaldo Morato, outro veterinário e o chefe do Cenap, Túlio Schargel, cineasta, mergulhador, especialista em filmagens submarinas e toda sorte de aventuras – que está fazendo o documentário do projeto –, e Miquéias Motta, seu assistente, responsável pelo som. Dois dias depois juntou-se ao grupo ainda Rômulo Mello, engenheiro agrônomo do Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade, ICMBio, uma grande divisão do Ibama, à qual o Cenap é ligado. Sim, não se pode sair por aí capturando onça e colocando colares nelas sem todas as devidas permissões oficiais.

Ligadas ao projeto desde o início, essas instituições apoiam e auxiliam diretamente na pesquisa e com insumos, como, por exemplo, as *cameras traps* – grande parte daquelas 60 instaladas em Caiman são do Cenap. Quase toda essa equipe, eu inclusive, se hospedava na sede antiga, bem perto da casa de Roberto Klabin, ambas, casa e sede, igualmente estruturadas para receber hóspedes regamente. Era na casa do dono de Caiman que todos fazíamos as (deliciosas!) refeições e passávamos o tempo que não estávamos em campo, rastreando, checando armadilhas ou filmando.

As conversas? Só sobre onça...

Nossa rotina era nos reunir às 7h para o café da manhã e dali partir em grupos separados para seus afazeres – eu me colando a uns e outros, sempre sequiosa de ver tudo, perguntar tudo, fazendo a minha parte. Túlio e Miquéias eram os mais desgarrados: sumiam no mundo atrás de imagens e nem a fome do almoço ou do jantar os fazia voltar se achassem coisa boa. (Túlio enfiou-se, por exemplo, com água pela cintura, naquela queda d’água com os jacarés de boca aberta, para filmá-los em *close*.) Na primeira manhã parti para verificar as armadilhas com Mario, Ronaldo e Joares, e no meio do caminho, depois de conhecer duas, me bandedei para a Mitsubishi L-200 adaptada para safári, uma parceria da Mitsubishi Motors do Brasil com o projeto, que passava por nós com Simon e Bernardo fazendo o rastreamento (os outros e principais patrocinadores conquistados por Mario são a Tetra Pak, a RSA (uma empresa de seguros), a Dixie Toga e o Grupo Orinter (operador de turismo).

O rastreamento das pegadas servia para orientar o posicionamento das armadilhas. As nove usadas na temporada já haviam sido instaladas antes de minha chegada, mas várias vezes alguma foi trocada de lugar ou

uma nova montada). Bebi as lições de Simon. O mais leve sinal já permitia a ele saber se era uma onça fêmea ou macho, se andava depressa, cautelosa ou corria, onde tinha parado. Em certo momento, um magnífico tamanduá-bandeira, de quase 2 metros (os do Brasil são os maiores do mundo), apareceu a curta distância. Tive um momento fascinante. Simon me pegou pela mão e, sempre verificando a direção do vento, foi me levando para perto, cada vez mais perto, do distraído comedor de formiga.

Chegamos a “passar com ele” uns 15 minutos longuíssimos, e a ficar a menos de 2 metros de distância enquanto o bicho escrutinava compenetradamente uma moita. Mais algum tempo e Simon avisou que o dono daquelas poderosíssimas garras negras (você sabia que o tamanduá é o único bicho do Pantanal que a onça respeita, que pode matá-la?) estava dando sinais de inquietude com a observação. De leve, zarpamos – como também o tamanduá, em outra direção. Ufa! Acompanhei a revisão de armadilhas nas manhãs e tardes de todos os dias seguintes, sentindo cada vez mais perto a esperada onça que poderia não vir. A ronda não



**Brazuca ainda sedado, após receber o collar: ao fundo, Miquéias, Túlio, Rômulo, Joares; embaixo, Simon, Mario, Ronaldo, Bernardo e Hélder**

era para ver se tinha onça lá, mas sim para Joares verificar se tudo estava como devia ser ou mudar algum detalhe. Dia após dia a ansiedade crescia. Somando os espaços no meio dos laços armados para prender a onça pela pata, tratava-se de uns 4,5 metros quadrados, de um total de 53 mil hectares, onde o animal teria de pisar! Um transmissor de armadilha, ligado ao mecanismo do laço e colocado em lugar alto, se encarregaria de transmitir um sinal para um aparelho que ficava nas mãos da equipe, sendo consultado a cada duas horas, dia e noite, de qualquer lugar.

Mas os locais das armadilhas eram perfeitamente estratégicos e aos poucos fui ganhando a confiança absoluta de que alguma onça TINHA que passar por elas. Onça é como a gente – prefere andar em caminho limpo, não atravancado por galhos, evita buracos, se pode vai pela estrada ou perto dela. E em todas as armadilhas havia atrativos, como um cheiro de glândula ou de urina do animal (produtos caríssimos trazidos por Mario dos Estados Unidos). Ronaldo também foi em algumas dar um esturro (como se chama o grito da onça), usando um dispositivo para isso. Se qualquer onça ouvisse, passaria ali depois para ver do que se tratava.

E os dias foram correndo, as revisões sendo feitas, novos ras-  
treamentos, trocas de armadilhas, todos sempre atentos ao transmissor. Mas nada de onça... Chegou o dia da partida da equipe.

Como era muita armadilha para desmontar, Mario e Joares levantaram cedíssimo para começar o trabalho, que levaria horas. Soube disso depois, estava dormindo. Tinha ido para a cama na véspera com incontida tristeza, por todos, por Mario, por mim, que TANTO queria ver uma onça! Toca o despertador de meu celular, às 6h da manhã. Ao mesmo tempo, o telefone do quarto. Que estranho! Demorei uns segundos para pular da cama e ver o que era. Do outro lado da linha, a voz de Ronaldo, ou de Hélder – a emoção da hora foi tanta que já não me lembro. “Silvana, corre que estamos à sua espera aqui na frente da sede. Pegamos uma onça!” Sinceramente, chorei. Me enfiei na roupa e saí ventando.

Vejam só, o transmissor não tinha acusado nada! Mario e Joares deparam com seu vulto de surpresa. Joares pensou primeiro, contra a luz, que era uma grande anta – ia ser um trabalho tirar-la de lá! Mas era Brazuca, majestoso macho de 112 quilos, deitado ali. O tempo já passou e Brazuca mostrou ser perfeito para o projeto – seu território fica inteiro em Caiman e ele até já foi filmado junto com Chuva. Deve vir filhote por aí, onça só anda junto quando acasala. A terceira temporada começou enquanto este texto era escrito. Uma nova fêmea de 90 quilos já se juntou ao grupo... É lindo ver todo esse amor por onça no país. Longa vida ao Onçafari! **P**